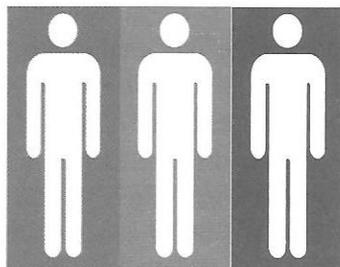


L I Ç Ã O 1 7

DISSERTAÇÃO



Observe o texto que segue, extraído da obra *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift:

Há três métodos pelos quais pode um homem chegar a ser primeiro-ministro. O primeiro é saber, com prudência, como servir-se de uma pessoa, de uma filha ou de uma irmã; o segundo, como trair ou solapar os predecessores; e o terceiro, como clamar, com zelo furioso, contra a corrupção na corte. Mas um príncipe discreto prefere nomear os que se valem do último desses métodos, pois os tais fanáticos sempre se revelam os mais obsequiosos e subservientes à vontade e às paixões do amo. Tendo à disposição todos os cargos, conservam-se no poder esses ministros subordinando a maioria do senado, ou grande conselho, e, afinal, por via de um expediente chamado anistia (cuja natureza lhe expliquei), garantem-se contra futuras prestações de conta e retiram-se da vida pública carregados com os despojos da nação.

Jonathan Swift. *Viagens de Gulliver*. São Paulo, Abril Cultural, 1979. p. 234-5.

Esse texto explica os três métodos pelos quais um homem chega a ser primeiro-ministro, aconselha o príncipe discreto a escolhê-lo entre os que clamam contra a corrupção na corte e justifica seu conselho.

A primeira característica desse texto é que ele é temático, pois analisa e interpreta a realidade com termos abstratos (*método, prudência, corrupção, discreto, vontade, paixões* etc.). Quando se vale de termos concretos (*homem, primeiro-ministro*), toma-os em seu valor genérico. Não fala de um homem particular e do que faz para chegar a ser primeiro-ministro, como seria em uma narração, mas do homem em geral e dos métodos que qualquer homem utiliza para chegar ao poder.

A segunda característica é que existe transformação de situação no texto (por exemplo, a mudança de atitude dos que clamam contra a corrupção da corte, que, quando chegam ao poder, tornam-se corruptos).

A progressão dos enunciados obedece a uma relação lógica e não cronológica. Um enunciado é anterior a outro não por causa de uma progressão temporal, mas por causa de uma concatenação lógica. Assim, o enunciado que diz que o príncipe discreto escolhe o primeiro-ministro entre os que clamam contra a corrupção na corte é anterior ao que diz que os que clamam contra a corrupção são mais obsequiosos e subservientes às vontades e às paixões do amo, porque o segundo é uma explicação para a afirmação contida no primeiro.

Como o texto pretende falar de algo que ele apresenta como uma verdade válida para todos os homens, em todos os tempos e lugares, constrói-se com o presente em seu valor atemporal. Todos os verbos do texto estão nesse tempo.

Esse texto é dissertativo. **Dissertação** é o tipo de texto que analisa, interpreta, explica e avalia os dados da realidade.

As características do texto dissertativo são:

a) ao contrário do texto narrativo e do descritivo, ele é **temático**, ou seja, não trata de episódios ou seres concretos e particularizados, mas de análises e interpretações genéricas válidas para muitos casos concretos e particulares; opera predominantemente com termos abstratos;

b) como o texto narrativo, mostra ele **mudanças de situação**;

c) ao contrário do texto narrativo, cuja ordenação é cronológica, ele tem uma **ordenação que obedece às relações lógicas**: analogia, pertinência, causalidade, coexistência, correspondência, implicação etc.;

d) já que a dissertação pretende expor verdades gerais válidas para muitos fatos particulares, o tempo por excelência da dissertação é o **presente no seu valor atemporal**; admite-se nela ainda o uso de outros tempos do sistema do presente, a saber, o presente com valor temporal, o pretérito perfeito e o futuro do presente.

Cabe agora perguntar por que existem estes três tipos básicos de texto, a narração, a descrição e a dissertação. Cada um deles tem uma função distinta. Os textos narrativos e descritivos são figurativos. Eles representam o mundo, simulam-no.

A narração mostra mudanças de situação de um ser particular, com os enunciados dispostos numa progressão temporal, numa relação de anterioridade e de posterioridade. A narração capta o mundo em sua mudança, no dinamismo de suas transformações.

A descrição expõe propriedades e aspectos de um ser particular (por exemplo, o céu estrelado numa determinada noite, um rosto sofrido, a hora do *rush*, um pôr do sol, uma personagem qualquer) numa relação de simultaneidade; nela não há mudanças. Ela apresenta, então, um ser tal como é visto num dado momento, fora do dinamismo da mudança.

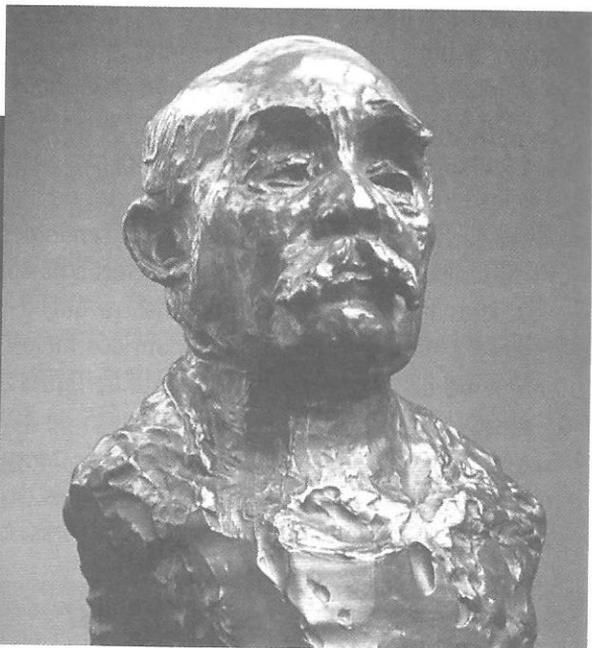
O texto dissertativo é temático. Explica, analisa, classifica, avalia os seres concretos. Por isso, sua referência ao mundo faz-se por conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Por isso, embora apareçam nele mudanças de situação, não têm maior importância as relações de posterioridade e de anterioridade entre os enunciados, mas as relações lógicas entre eles. O texto dissertativo é mais abstrato que os outros dois, ele explica os dados concretos da realidade. Por isso, numa dissertação, as referências a casos concretos e particulares, ou seja, narrações ou descrições que aparecem em seu interior, ocorrem apenas para ilustrar afirmações gerais ou para argumentar a favor delas ou contra elas. A dissertação fala também de mudanças de estado, mas aborda essas transformações de maneira diferente da narração. Enquanto a finalidade central desta é relatar mudanças, a daquela é explicar e interpretar as transformações relatadas. O discurso dissertativo típico é o da ciência, o da filosofia, o dos editoriais dos jornais etc.

Geralmente se pensa que é só na dissertação que o produtor do texto expressa seu ponto de vista sobre o objeto posto em discussão. Isso não é verdade. Também na narração e na descrição estão presentes os pontos de vista de quem elabora o texto. O que é diferente em cada tipo de texto é o modo como o produtor apresenta seus pontos de vista. Como a dissertação é um texto temático, os pontos de vista, nela, são explícitos. Na descrição, o ponto de vista é manifestado, entre outros, pelos aspectos selecionados para serem descritos e pelos termos escolhidos. Nela, o produtor do texto transmite, por exemplo, uma visão positiva ou negativa do que está sendo descrito. Vimos na lição anterior, na descrição da pedreira, que, pela seleção das palavras referentes à pedreira e aos seres humanos, o descritor mostra que o homem está inferiorizado em relação à natureza. Na narração, um dos meios mais eficientes de manifestar um ponto de vista é o encadeamento de figuras, a contraposição de percursos figurativos. A *Veja SP*, de 19 de outubro de 1994, publicou uma reportagem sobre Celso Russomano, repórter do *Aqui e agora* e candidato a deputado federal mais votado nas eleições de 1994. Depois de narrar episódios que mostram sua atuação como defensor dos consumidores, conta o seguinte:

Os burgueses de Calais, escultura de Rodin, de 1895.



Retrato de Georges Clemenceau, escultura de Rodin, de 1911.





Três esculturas criadas pelo mesmo artista, cada uma delas caracterizada por diferentes ênfases na escolha do tema e no tratamento dado a ele. A primeira peça, no alto à esquerda, representa uma célebre cena da Guerra dos Cem Anos, no século XIV, na qual um grupo de burgueses de Calais é obrigado a entregar as chaves da cidade ao vitorioso rei inglês. O caráter dessa obra é eminentemente narrativo. A segunda peça, à esquerda, é um busto do estadista francês Georges Clemenceau. Do mesmo modo que os retratos na pintura, bustos são eminentemente descritivos. A terceira peça, reproduzida acima, intitulada *O pensador*, é uma das mais conhecidas obras da história da arte. Ao contrário de representar um determinado homem pensando, procura qualificar a atitude de pensar como o traço definidor do ser humano, ou seja, procura transmitir uma mensagem de caráter abstrato e generalizante, característica da dissertação.

A casa em que mora, na rua Adalívia de Toledo, perto do Palácio dos Bandeirantes, no Morumbi, é um espinho na sua biografia de bom moço. Construída no estilo dos anos 60, com abundância de vitrais e de vãos, a casa tem piscina e dois andares. Pela cotação de mercado, vale 400 000 dólares. Em dezembro do ano passado, Russomano fechou o negócio por 300 000 dólares, com a facilidade de que a proprietária da casa é mãe do segundo marido de sua sogra, Márcia Torres. O contrato foi assinado por Berenice Ribeiro, cunhada de Márcia e procuradora da mãe. A dívida deveria ter sido quitada até junho em cinco parcelas. Nesse período, ele pagou apenas 10 000 dólares e se recusava a discutir o restante até Berenice ameaçar levar o caso à imprensa.

Russomano deu mais 34 000 dólares e teria ameaçado matar outro irmão de Berenice, José Carlos, se o caso se tornasse público (p. 18).

Ao contrapor o percurso figurativo do defensor dos consumidores ao do mau pagador e do homem que faz toda sorte de violência para manter uma imagem pública, o narrador está manifestando um ponto de vista sobre a personagem.

Não podemos esquecer-nos de que narrações e descrições são textos figurativos e de que por trás das figuras existe um tema implícito.

TEXTO COMENTADO

O texto que segue foi retirado da obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda:

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital que chega a dispensar, por secundários, por supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

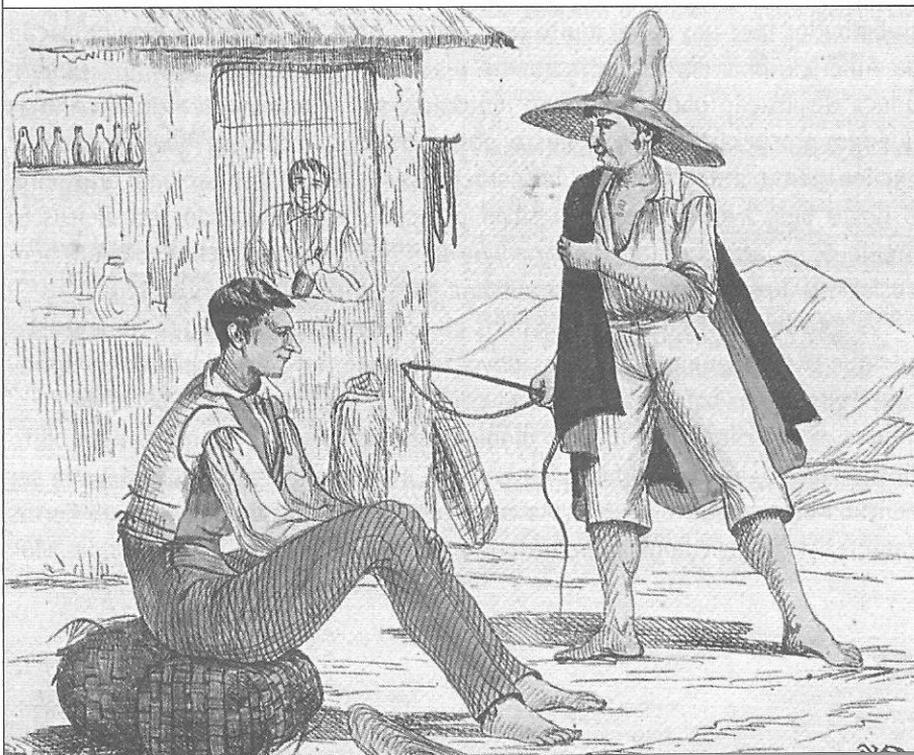
Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte, maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro — audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem — tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção *espacosa* do mundo, característica desse tipo.

Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.

Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. 8. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975. p. 13.



Tropeiros, gravura de Frederico Briggs, do século XIX. Acervo dos Museus Castro Maya, Rio de Janeiro.

O texto de Sérgio Buarque de Holanda é temático, pois é construído basicamente com termos abstratos: *princípio, tipo, sociedades, predominância, ética, proveito, insignificante* etc. Fala ele de algo genérico, válido para todos os tempos e lugares: dos princípios que regulam as atividades dos homens na vida coletiva, ou seja, da existência de uma ética do trabalho e de uma ética da aventura.

O texto aborda uma transformação: a passagem do não realizado ao realizado, operado de duas maneiras distintas. Na primeira, a do trabalhador, as realizações são produto de um trabalho lento, metódico, persistente; na segunda, a do aventureiro, elas são fruto da audácia etc. A ordenação do texto é feita com base nas relações de comparação: compara-se o modo de ser do trabalhador com o do aventureiro. O tempo verbal básico utilizado no texto é o presente com valor atemporal (por exemplo, quando se diz *Esse tipo humano ignora as fronteiras*, não se está dizendo que, nesse momento, ele faz isso, mas que faz, fez e fará sempre isso). Se o texto é temático, mostra mudanças de situação, constrói sua progressão com base nas relações lógicas entre seus enunciados e usa basicamente o presente com valor atemporal, é uma dissertação.

Nele, a questão posta em debate é da existência de dois tipos humanos bem definidos: o trabalhador, aquele que prefere o esforço persistente, o trabalho paciente, e o aventureiro, aquele que valoriza mais o resultado do que os meios de alcançá-lo, que despreza a monotonia do cotidiano, que tem necessidade de projetos grandiosos. O primeiro realiza um trabalho sem buscar recompensa imediata; o segundo, ao contrário, deseja resultados instantâneos.

Sérgio Buarque de Holanda pretende mostrar, a partir do estabelecimento desses dois tipos humanos e das duas éticas que regulam suas ações, que o trabalhador teve um papel muito reduzido na obra de conquista e colonização da América, pois ela foi um trabalho realizado por aventureiros, que tinham pouca disposição para o trabalho metódico, sem compensação próxima, mas queriam prosperar a qualquer custo, obter posições e riquezas fáceis. É isso que explica, para o autor, algumas das características do caráter nacional brasileiro. O gosto pela aventura é responsável por certos "defeitos" dos brasileiros (o desejo de se "arranjar", de ganhar a vida sem muito trabalho etc.), mas também por certas de suas qualidades (a audácia para enfrentar desafios etc.).

Com muita frequência, ouvimos que o brasileiro tem certas características que o distinguem dos outros povos: é alegre, um tanto quanto irresponsável, consegue "bagunçar" todas as coisas etc. Essa concepção parte da ideia de que certas características psicológicas dos brasileiros determinam um certo tipo de desenvolvimento histórico e social. No entanto, a questão deveria ser pensada de maneira diferente. As condições de vida é que determinam certas características psicológicas de grupos e classes no interior da sociedade. Mu-

dadas essas condições, essas características alteram-se. Além disso, nos diferentes grupos humanos, características opostas existem. Guimarães Rosa, usando a figura da mandioca, discute essas questões no texto que segue, expressa suas dúvidas sobre elas:

... Melhor se arrepare: pois, num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o senhor já viu uma estranhez? A mandioca-doce pode de repente virar azangada – motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas – vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas. E, ora veja: a outra, a mandioca-brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal. E que isso é?

Grande sertão: veredas. 20. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. p. 10.

LIÇÃO 17 EXERCÍCIOS

QUESTÃO 1

A esta altura das lições, tendo já tratado dos textos narrativo, descritivo e dissertativo, vamos confrontá-los e observar suas marcas típicas.

Os três textos que seguem são exemplos de cada um dos três tipos de textos referidos nesta lição e nas duas anteriores. Leia-os com atenção, classifique-os segundo esses três tipos e explique a classificação dada. O primeiro texto foi montado com passagens e dados extraídos da *Folha de S. Paulo* (20 nov. 1991).

TEXTO 1

Aos 100 anos, a Avenida Paulista permanece uma janela aberta para a modernidade.

Seus 2,6km de extensão (ou 3 818 passos) são percorridos diariamente por 1 milhão de pessoas, em sua maioria mulheres, como revela pesquisa da companhia que mantém o metrô correndo sob seu asfalto. A Paulista fala 12 línguas, em 18 consulados ali instalados. Ao lado de poucos casarões do passado, ela abriga edifícios “inteligentes” e torres de rádio e TV iluminadas como um marco futurista.

Veja agora o texto que segue, também montado com passagens e dados da *Folha de S. Paulo* (20 nov. 1991).

TEXTO 2

No início do século, a Paulista era a avenida mais espaçosa da cidade, com três pistas separadas para bondes, carruagens e cavaleiros. Era a mais bela, com quatro fileiras de magnólias e plátanos. Era um fim de mundo, no final da Ladeira da Consolação. Lá residiam os imigrantes recém-enriquecidos: Martinelli, Crespi, Matarazzo, Riskallah, Von Bullow. Após isso, aí pelos anos 50 e 60, o acelerado processo de urbanização da cidade varreu dali os 24 casarões, como o que ocupava o n.º 46 da avenida. No seu lugar, surgiram prédios, alguns deles enquadrados entre os mais modernos do mundo, como o Citibank e o Banco Sudameris.

Já completamente ladeada de prédios de porte, foi a recente inauguração do metrô que lhe conferiu novo charme.

Com todos esses antecedentes, ela é hoje, apesar das contradições, a avenida mais moderna, mais dinâmica, mais nervosa da cidade, eleita pelos próprios moradores como o mais fiel retrato de São Paulo.

Por fim, leia agora o texto 3, que contém interpretações e análises inspiradas no livro *A casa e a rua*, do antropólogo Roberto da Mata.

TEXTO 3

No âmbito da cultura brasileira, a Rua e a Casa ocupam lugares nitidamente distintos, que, por sua vez, condicionam comportamentos francamente diferenciados: o que se faz na Rua não se faz em Casa e vice-versa.

Se a Casa é o espaço do aconchego e da proteção, a Rua é o do desamparo e do abandono. "Sentir-se em casa" é uma expressão da nossa língua que significa "estar à vontade", "sentir-se abrigado, protegido"; ao contrário, "ir para o olho da rua" denota "desamparo social, exposição ao risco, solidão".

A Rua é o espaço da transgressão, onde vivem os malandros e marginais; é o território do salve-se quem puder, onde prevalece a lei do cada um por si. Domínio do anonimato e da despersonalização, é na Rua que um cidadão de bem pode ser molestado por autoridades de segurança pública e tratado como um criminoso.

QUESTÃO 2 (FUVEST)

FILOSOFIA DOS EPITÁFIOS

Sai, afastando-me dos grupos, e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas.

Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo "Filosofia dos epitáfios"

a) é predominantemente dissertativo, servindo os dados do enredo e dos ambientes como fundo para a digressão.

b) é predominantemente descritivo, com a suspensão do curso da história dando lugar à construção do cenário.

c) equilibra em harmonia narração e descrição, à medida que faz avançar a história e cria o cenário de sua ambientação.

d) é predominantemente narrativo, visto que o narrador evoca os acontecimentos que marcaram a sua saída.

e) equilibra narração e dissertação, com o uso do discurso indireto para registrar as impressões que o ambiente provoca no narrador.

TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 3 A 10

O texto que segue é o trecho de um artigo de Ricardo B. de Araújo:

A torcida possui a propriedade de reunir, "na mesma massa", pessoas situadas em posições sociais diversas, homogeneizando, em torno de clubes, as suas diferenças. Nesse processo, um mecanismo extremamente importante é o uniforme de cada clube: ao mesmo tempo que separa e distingue cada uma das torcidas, ele "despe" cada torcedor da sua identidade civil, e o integra em um novo contexto, profundamente indiferenciado.

Nesse contexto de massa que é a torcida, inexistem desigualdades, pelo menos em princípio. Todos estão ali reunidos pela paixão, para torcer por um dos clubes e, portanto, cada torcedor tem, nesse momento, os mesmos direitos que qualquer outro.

Este último ponto é de grande importância, pois nos leva, de certa forma, da igualdade à liberdade. Com efeito, se todos os torcedores são considerados moralmente iguais, abre-se, então, a possibilidade para que cada um deles possa, com toda a legitimidade, ter uma visão inteiramente pessoal do andamento da partida, da escalção dos times, enfim, de qualquer aspecto relacionado ao mundo do futebol.

Qualquer torcedor pode, inclusive, discordar das "autoridades" em futebol, os técnicos, dirigentes ou comentaristas, sem que sua interpretação seja considerada insolente ou descabida. Este é um contexto em que, de alguma forma, todo mundo tem

opinião, e todos têm o direito de exprimi-la, ou seja, são livres para explicitá-la sem sofrer qualquer constrangimento. É exatamente por isso que as discussões sobre o futebol são consideradas "intermináveis". Na verdade, esta impressão é causada pela própria dificuldade de se chegar a algum consenso num ambiente tão pluralista e democrático.

Existe, portanto, no futebol, uma área de decisão privada, na qual cada torcedor tem liberdade para julgar e escolher segundo suas próprias inclinações, sem ter que sofrer qualquer interferência. Lembremo-nos de que a própria opção por se torcer por determinado clube, de trocá-lo por outro, ou mesmo de se desinteressar do futebol, são resoluções de "foro íntimo", que não interessam a ninguém, e que devem, assim, ser tomadas com toda a independência.

Ricardo B. de Araújo. Força estranha. *Ciência Hoje*, ano 1, 1, jul./ago. 1982.

QUESTÃO 3

O texto acima transcrito, de caráter jornalístico, está abordando um tema associado à sociologia do futebol.

- O articulista está tratando do comportamento específico da torcida de um clube num jogo em particular ou do comportamento genérico de qualquer torcida em qualquer jogo?
- Esse dado pode ser considerado como uma característica de textos dissertativos?

QUESTÃO 4

O redator, ao expor seus pontos de vista, usa conceitos abstratos, apresentando suas opiniões e comentários de maneira explícita, o que é próprio dos textos de caráter temático.

Cite algumas passagens que contenham conceitos desse tipo.

QUESTÃO 5

Os verbos do texto estão no presente.

- Qual é o significado do tempo presente no percurso de todo o texto?
- Esse uso do presente é típico do texto dissertativo? Explique por quê.

QUESTÃO 6

No nível de sua estrutura fundamental, esse texto contém as seguintes instâncias:

- afirmação da diversidade;
- negação da diversidade;
- afirmação da igualdade.

Cite ao menos uma passagem que sirva para ilustrar que nas torcidas

- existe a diversidade.
- nega-se a diversidade.
- afirma-se a igualdade.

QUESTÃO 7

No texto dissertativo, a relação de anterioridade e posterioridade entre os enunciados é determinada por relações de natureza lógica e não de natureza cronológica. Observe, por exemplo, a seguinte passagem: "*pois nos leva, de certa forma, da igualdade à liberdade*".

Qual é o evento logicamente anterior que serve de fundamento para dizer que da igualdade passamos a adquirir liberdade? Explique sua resposta.

QUESTÃO 8

Num texto dissertativo, podem ocorrer passagens figurativas, isto é, formadas por palavras de sentido concreto. Em geral, essas passagens são inseridas para funcionar como argumentos destinados a comprovar opiniões gerais expressas sob a forma de conceitos abstratos (temas).

No quarto parágrafo, há uma passagem figurativa para ilustrar a afirmação de que nas torcidas o torcedor tem direito a agir livremente e de maneira pessoal. Cite essa passagem.

QUESTÃO 9

O conector *portanto* serve para introduzir uma conclusão relativa ao que se disse anteriormente. Como se sabe, uma conclusão só é legítima quando coloca explicitamente dados ou eventos já contidos implicitamente em passagens anteriores.

Que dados anteriores servem de suporte para se afirmar: "*Existe, portanto, no futebol,*